

AS ARTES VISUAIS EM DOURADOS (MS) E SUAS POTENCIALIDADES COMO LINGUAGEM NA ESCOLA

Amanda Pereira Gomes
Universidade Federal da Grande Dourados
contatoamandapgomes@gmail.com

Resumo

Este artigo, que deriva de meu trabalho de conclusão de curso, busca discutir as relações entre as Artes Visuais e a Geografia, procurando compreender como o espaço influencia nas obras dos artistas, e como, obras podem ser uma linguagem potente na escola. Nos baseamos na concepção de Doreen Massey (2008), que pensa o espaço como a esfera da multiplicidade, resultado de inter-relações e sempre em construção. Quanto aos procedimentos metodológicos, primeiro buscou-se debater teoricamente as relações entre Artes Visuais e Geografia, de modo a analisar se e como se dá essa conexão. Em seguida, apresenta-se uma amostra de dados obtidos através de entrevistas realizadas com artistas visuais. Os artistas que residem na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, participaram das entrevistas com a finalidade de compartilhar suas histórias, suas obras e vivências, onde foi possível observar a influência do espaço na vida e na arte de cada um, a partir de suas vivências, cor, raça, gênero e etnia. O artigo finaliza apontando possibilidades de introduzir as obras de Arte Visuais na escola, como uma linguagem potencializadora, sobretudo para a Geografia.

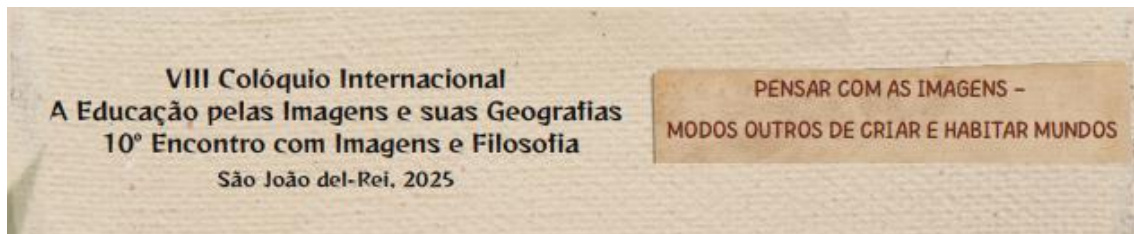
Palavras-chave: Espaço; Artes Visuais; Linguagem; Escola.

Introdução

Ao refletirmos sobre a Geografia, observa-se que esta é uma ciência com forte presença das imagens, muito recorrentes ao pensarmos, sobretudo, nas categorias de lugar ou paisagem. Contudo, a imagem é uma breve e aberta manifestação do espaço, e não precisamente a realidade em verdade. Assim, pensando as imagens a partir das Artes Visuais, essas são também uma representação do espaço, como coloca Massey (2008, p. 159)

Mapas dizem respeito a espaço, são formas de representação, certamente, formas icônicas; representação é compreendida como espacialização. Mas o mapa de uma geografia, não é aquela geografia – ou aquele espaço – mais do que a pintura de um cachimbo é um cachimbo.

Massey (2008) trabalha a ideia de uma abordagem alternativa do espaço, fazendo três proposições principais: o espaço é construído de inter-relações, desde o amplo global até o mais íntimo; o espaço é a esfera da multiplicidade, onde várias realidades coexistem, portanto também existem diversas diferenças. Sem espaço não existe multiplicidade, e sem multiplicidade não existe espaço; o espaço está sempre em construção, sempre no processo de fazer-se. Podendo ser imaginado como uma simultaneidade de histórias até agora. Esse espaço múltiplo e em movimento é vivido pelos sujeitos no cotidiano, que podem passar a representá-lo em suas manifestações artísticas. “As imagens são sempre pontos de vista, fragmentos de um



todo que não existe independente de nós.” (Marquez, 2006, p.11). Para Marquez, arte e Geografia, uma imagem, seja ela fotografia, audiovisual, pinturas em telas, murais etc., nada mais é que um ponto de vista fragmentado do espaço a partir do sujeito que a executa.

Então, a partir da concepção de Massey, pode-se pensar sobre a influência que o espaço exerce nas obras dos artistas. Todas as inter-relações em que os sujeitos estão envolvidos, as mudanças do espaço que está sempre em construção, e a multiplicidade presente nele, exercem no sujeito artista diferentes pontos de vista de acordo com o espaço em que eles estão ou já estiveram, que podem acabar por se expressarem em suas obras de arte.

Considerando as Artes Visuais uma linguagem potencializadoras para a Geografia na escola, contribuindo para a compreensão de diversas questões, assim como para a formação do aluno, seu raciocínio e do imaginário, acreditamos que as Artes Visuais podem mobilizar o conhecimento acerca do mundo e das diversas vivências, pois as imagens se relacionam com os espaços tanto em conceito quanto em realidade. Tomando como base as discussões de Oliveira Junior e Girardi (2011) sobre linguagem, podemos considerar que a arte como linguagem pode criar diversas perspectivas acerca do espaço e do mundo, muito além do objetivo a ser alcançado em que ela predominantemente é utilizada. Utilizar das obras a partir do pensar com as imagens pode contribuir com o desenvolvimento dos alunos e fortalecer a imaginação do espaço múltiplo e heterogêneo, cheio de histórias que se cruzam.

Assim, neste artigo objetivamos discutir a conexão das Artes Visuais com a Geografia, e como linguagem na escola, evidenciando sua potencialidade para a formação do aluno e para a comunidade escolar. Tem-se a expectativa que este artigo possa contribuir com as discussões acerca do espaço, das Artes Visuais como linguagem, e das possibilidades dentro da escola.

Desenvolvimento

Como procedimento para a pesquisa, cinco artistas visuais residentes na cidade de Dourados (MS) foram entrevistados. Porém, neste artigo, trazemos duas dessas entrevistas: com o artista Henrique de Sousa, e com a artista Aline Kuñatañ Yvotyju. O critério para selecionar os artistas entrevistados na pesquisa foi que realizem seu trabalho por meio de telas, murais e/ou grafites. Priorizou-se a diversidade de gênero, raça e etnia dos entrevistados, a fim de entender se e como essas diferenças os impactam em suas construções artísticas. Utilizando o

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

método qualitativo e do modelo de entrevista semiestruturada, quatro perguntas foram elaboradas com a finalidade conhecer a trajetória de vida dos artistas e entender suas percepções sobre arte e lugar, são elas: 1) Fale um pouco sobre você e sua trajetória como artista; 2) Qual a sensação ou perspectiva você tenta passar quando cria uma arte?; 3) O quanto você acha que sua arte está atrelada ao lugar que você faz parte?; 4) Fale um pouco sobre sua arte e seu processo criativo.

Neste artigo apresentamos informações gerais obtidas nas entrevistas. Os artistas foram escolhidos através de indicações de pessoas conhecidas e também de outros entrevistados. Para que tivéssemos a autorização do uso de seus nomes e obras na pesquisa, um termo de consentimento lhes foi enviado. Foi decidido também, que as artes em si não seriam um dos motivos para a escolha do artista, para que assim se preservasse a pluralidade dos tipos de obras. Somente depois do artista ser escolhido, a arte era observada/analísada.

O artista Henrique de Souza; concedeu entrevista nossa pesquisa em 2023. Ele descreveu que suas artes retratam o cotidiano de sua vida no Mato Grosso do Sul. O artista fluminense reside em Dourados desde 2004, e contou que passou a participar de projetos dentro da Reserva Indígena de Dourados (RDI), sobretudo com jovens guarani, kaiowá e terena. O artista contou ainda, que a cidade é muito fechada para a arte, principalmente do grafite e muralismo, e um exemplo dessa dificuldade de abertura foi quando vários comentários de ódio foram destinados aos artistas por meio de redes sociais, quando eles pintaram murais na Praça Antônio João durante o evento FESTOP (Festival de Todos os Povos) em 2023, pois várias artes apresentavam traços políticos marcantes, com a figura de corpos indígenas, grafismos, e corpos negros e suas ancestralidades, conforme observa-se nas Figuras 1 e 2:

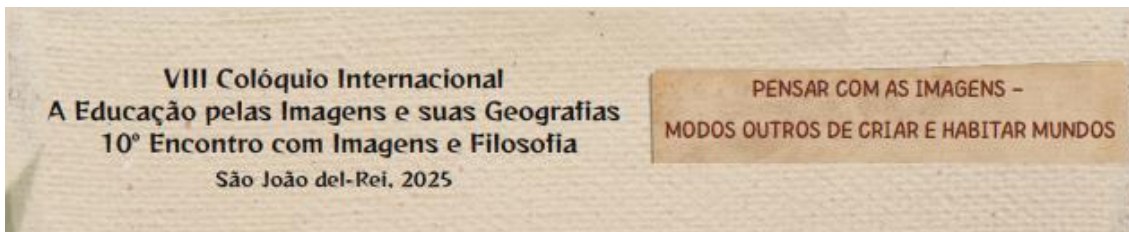
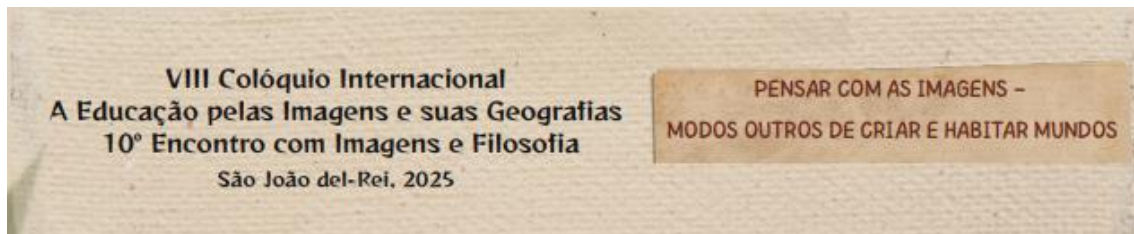


Figura 1: Mural na Praça Antônio João elaborado no FESTOP em Dourados-MS.
Fonte: Henrique de Sousa (2023).



Figura 2: Mural na Praça Antônio João elaborado no FESTOP em Dourados-MS.
Fonte: Henrique de Sousa (2023).

Henrique falou sobre suas raízes no Rio de Janeiro e como o lugar influenciou suas obras, que retratavam favelas, praias, coqueiros e suas vivências no estado. Já em Mato Grosso do Sul, aprendeu mais sobre o estado, conheceu a cultura indígena e passou a ministrar uma oficina de artes dentro da Reserva Indígena de Dourados. Com essas experiências, passou a abordar a temática em suas expressões artísticas. O artista realizou um projeto juntamente com jovens indígenas da reserva de Dourados, onde fizeram um mapeamento por GPS da reserva, e



em paralelo, desenvolveram um etno-mapeamento afetivo, onde Henrique desenhou todos pontos que eles consideravam importantes e significativos para sua comunidade (Figura 3).



Figura 3:– Etno-mapeamento afetivo realizado com jovens indígenas da Reserva de Dourados-MS.

Fonte: Henrique De Sousa (2022).

Essa obra, produzida a partir das vivências que podem ou não, ser muito distintas umas das outras, tendo em vista a diversidade de experiências que cada tipo de corpo tem no espaço. Silva (2016), aponta que a diferença de experiências espaciais, os marcadores, a cor da pele, aparência, a vestimenta, a sexualidade, tudo afeta a forma como nos auto interpretamos e como somos interpretados. A autora ainda traz o pensamento de Adrienne Rich, que contribuí ao desenvolver a ideia de ‘políticas de localização’, argumentando que seu corpo de mulher, branca, judia e lésbica constitui em diversas relações espaciais. Considerando seu corpo geopoliticamente localizado, e que as mesmas características de seu corpo estabelecem diferentes subjetividades dependendo de sua localização, os corpos retratados nas obras acima, são, compõem e constroem o espaço da cidade de Dourados. Porém, sua representação na área central da cidade causa certa aversão em parte da comunidade, por serem corpos que são constantemente reprimidos e negados na própria existência do espaço.

A artista indígena Aline Kuñataĩ Yvotyju, representa em suas obras sua vivência como mulher indígena na cidade de Dourados, retratando suas dificuldades na Reserva, mas também as possibilidades e diversidade de momentos que ela vive. A artista pinta esses momentos e expressa sua cosmologia, retratando o corpo indígena e seus grafismos. Aline viveu sua infância sem sair da aldeia; para ela era normal falar e ver sua cultura e grafismos nas escolas e no dia a dia. Mas quando saiu da Reserva para fazer um curso, onde ela era a única indígena em meio a 90 alunos, relatou que sentiu o enorme preconceito contra os indígenas.

A artista considera que cada vivência acaba sendo expressa de alguma maneira, mesmo que involuntariamente, e como uma pessoa que transita por muitos espaços, aquilo que presença acaba virando uma tela, retratando momentos ou atos do seu cotidiano.



Figura 4: Obra Mãe Terra (Nhadesy Jaja). Fonte: Aline Kuñataĩ Yvotyju (2024)

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS



Figura 5: Obra: Cunhã Jaguarite. Fonte: Aline Kuñataĩ Yvotyju (2024).

Para Gomes e Berdoulay (2018, p.358), comumente as imagens são usadas como elementos ilustrativos e exemplos para os conteúdos presentes na Geografia, de forma linear e sintática. Mas essa ideia não faz uso de toda a possibilidade dessa linguagem, as imagens podem ser usadas almejando a possibilidade de construção para uma outra ideia de espaço, na lógica imaginativa, onde as imagens são o elemento principal da interpretação.

Pensando então no ambiente escolar, para Dayrell (1996, p. 2) a escola é produto de um processo de construção social entre todos os sujeitos ali presentes. Perceber a escola para além da dimensão institucional, marcada por regras, e concebê-la como local das relações sociais entre os distintos sujeitos, é também assimilar que esses sujeitos são agentes ativos, marcados por suas vivências fora da escola, e mais atualmente, o uso da internet e acesso a conteúdos distintos. Os alunos são sujeitos socioculturais, não sujeitos passivos, sem qualquer vivência fora da escola. O aluno é um indivíduo com historicidade, visões de mundo, valores, sentimentos e hábitos próprios, e chega à escola sendo a soma de todas as experiências sociais e culturais vividas. Atualmente, os alunos são marcados também pelo uso dos celulares e o acesso quase ininterrupto à internet, onde estar *online* é praticamente uma constância. Juntamente com a Geografia, ou ainda as demais disciplinas, a escola pode ser o espaço para que os conteúdos da internet não sejam os únicos formadores de visão de mundo e de espaço.

As possibilidades de articulação entre as artes visuais e a Geografia são diversas, e na escola é onde se pode uni-las, a fim de fornecer ao aluno um desenvolvimento pleno e de qualidade. Algumas vezes, a Geografia pode ser vista pelos alunos como enfadonha, distante de suas realidades e que necessita de muita memorização para as provas e trabalhos, com termos e separações muito específicas, que embora sejam importantes como conteúdo, podem acabar

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

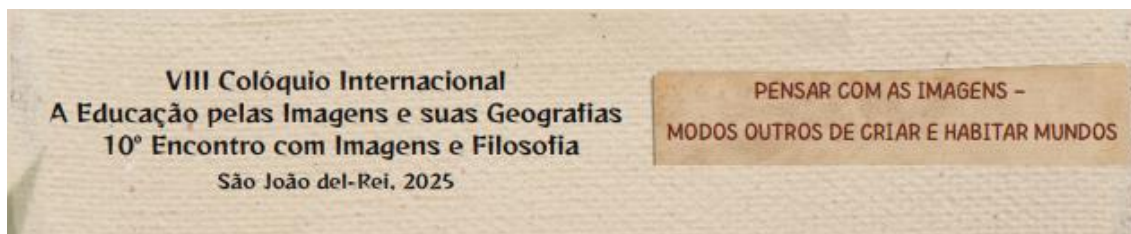
PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

apagando o objetivo final do processo de ensino e aprendizagem. Isso pode acontecer por existir uma dificuldade de aproximação dessa ciência com o cotidiano dos alunos. As diferentes linguagens podem vir a contribuir para uma nova concepção da Geografia, como colocam Guimarães e Aguilla

Portanto ensinar geografia a partir da Arte visual é uma oportunidade inovadora de ensino-aprendizagem que permite ao aluno vivenciar experiências novas, uma vez que atualmente o potencial informacional do mundo está afeito principalmente à comunicação visual. (2020, p. 227)

Assim, pode-se pensar em alguns caminhos a serem traçados para se chegar a novas maneiras de se trabalhar a Geografia e fazer o exercício de repensar o espaço geográfico, tendo o aluno como protagonista do processo. Com o foco nas artes visuais, poderiam ser feitas exposições com artistas locais, que trabalhem o cotidiano, as vivências daquele espaço, como exemplo, as obras de Henrique de Sousa e de Aline Kuñatañ Yvotyju. Apresentar esses artistas para a comunidade escolar é muito importante para a divulgação das Artes Visuais locais, assim como para o repertório dos alunos, que passam a ver a representação de um cotidiano. Esses artistas retratam em suas obras o cotidiano, e poder ser trabalhados como uma linguagem potencializadora para a se repensar as relações étnico-raciais na cidade de Dourados, os espaços que se formam e que esses corpos constroem, tendo em perspectiva que mesmo a cidade de Dourados tendo a maior reserva indígena do estado do Mato Grosso do Sul, a vivência e as lutas da população indígena passam longe da realidade de muitos indivíduos. Essa atividade pode ainda ser potencializada ao trazer os artistas locais para a escola, a fim de estreitar as relações, com palestras e exposições guiadas pelos próprios artistas. Ou ainda, trabalhos de campo pela cidade, fazendo visitas aos locais onde os artistas se expressam através de murais e grafites, como em parques e praças.

Essas atividades podem ser construídas junto com os alunos, com eles trazendo obras de artistas que já conhecem e admiram, observando o que nessas representações artísticas podem contribuir nesse processo. Essa pluralidade artística pode ser uma ferramenta potencializadora na perspectiva da educação geográfica, que embora se relacione com o ensino de forma indissociável, não é seu sinônimo. Em Rego e Costella (2019) a educação geográfica está para um processo social que inclui o ensino, mas não se resume a ele, indo além dos limites da escola.



Oliveira Junior e Girardi (2011) trazem a necessidade da utilização de diferentes linguagens na abordagem dos temas da Geografia, no sentido que supere a tradicional linguagem oral. Por conseguinte, as artes visuais podem ser apresentadas também em ambiente escolar a fim de auxiliar tanto no processo de ensino/aprendizagem, quanto na formação de um olhar crítico sobre o espaço e sobre os processos que o fazem se desenhar dessa forma.

Para além do conteúdo exposto em sala de aula, possibilidade do acesso às Artes Visuais abre caminhos para a formação do aluno de forma plena, e a escola pode ser o local onde esse primeiro contato acontece, sobretudo quando se trata da população que tem menos oportunidade de acesso a ela.

Considerações

Buscando as artes visuais como uma linguagem a ser trabalhada na escola em articulação com a Geografia, ou mesmo com outras disciplinas, é possível observar que este debate ainda não apresenta tantos aprofundamentos Geografia, sobretudo se as perspectivas forem a partir de obras em telas ou mesmo em murais.

Trazer outras linguagens para a escola é algo que pode ser de grande contribuição e, as obras de artistas locais têm potencial em ser um grande diferencial para a Geografia em sala de aula e na escola como todo, pois além de trazer um estímulo diferente daqueles geralmente utilizado, constroem um imaginário do mundo importante para um pleno desenvolvimento do pensamento geográfico e espacial. Ao levar artistas e obras locais, é possível mostrar ao aluno as relações e construções do espaço em que ele vive, além de outras perspectivas sobre esse local. Saber conectar as artes em outras disciplinas que não necessariamente sejam as “destinadas a isso”, pode contribuir para o processo de ensino/aprendizado, para atividades que sejam distintas daquelas tradicionais, nas quais o protagonista via de regra é o conteúdo, e não o aluno. E principalmente, pode contribuir para a formação do aluno como um sujeito que questiona os espaços e suas construções.

Referências

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado De; GIRARDI, Gisele. Geografias do artista quando coisa. Marcelo Moscheta e Manoel de Barros como intercessores geográficos. **Linha Mestra**, v. 12, n. 34, p. 18–34, 20 mar. 2018.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade**. Tradução: Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p. Título original: For Space. INSB 978-85-286-1307-0.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. A escola como espaço sócio-cultural. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, v. 194, p. 136-162, 1996.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M.; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA**, XI, 2011. Goiânia. Anais.... Goiânia, 2011, p. 1-9.

REGO, Nelson; COSTELLA, Roselane Z. Educação geográfica e ensino de geografia, distinções e relações em busca de estranhamentos. **Signos Geográficos**, Goiânia-GO, V.1, 2019, p. 1-15.

MARQUEZ, Renata Moreira. As Margens da imagem. FREIRE-MEDEIROS, Bianca; COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da (Orgs.). **Imagens Marginais**. Natal: EdUFRN, p. 11-22, 2006.

GOMES, Paulo Cesar da Costa, e Vincent Berdoulay. 2018. “Imagens na geografia: importância da dimensão visual no pensamento geográfico.” **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía** 27 (2): 356-371. doi: 10.15446/rcdg.v27n2.65165.

SILVA, Joseli Maria. e ORNAT, Marcio Jose. 2016. O corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. In: Pires, C.; Heidrich, A. e Costa, B. (orgs;) **Plurilocalidade dos sujeitos: representações e ações no território**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura.

GUIMARÃES, Rita de Lúcia de Almeida Ferreira; AGUILLAR, Adriana Maimone. ARTE VISUAL: UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA. **Revista Signos**, [S. l.], v. 41, n. 2, 2020. DOI: 10.22410/issn.1983-0378.v41i2a2020.2726.